

HOMEM X MULHER: REDEFININDO PAPÉIS APÓS A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Verônica de Souza Fragoso¹
Alessandra Fernandes Nóbrega²

Introdução

Através do aporte teórico-metodológico trazido pela Nova História que possibilita observar pequenos compartimentos de um enorme contexto, nesse estudo o universo feminino, buscaremos a partir de alguns pontos importantes surgido após o período da Revolução Industrial, evidenciar transformações ocorridas que constituíram pontos importantes para problematizar novos olhares sobre as relações vividas entre homens e mulheres, conforme ressalta ALMEIDA (1998):

Do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX, mudanças socioeconômicas ocasionadas pela implantação do regime republicano no país, pelo processo de urbanização e industrialização, pelas duas guerras mundiais e seus efeitos nas mentalidades da sociedade da época, pelas conquistas tecnológicas representadas pela difusão dos meios de comunicação, coincidiram com as primeiras reivindicações do feminismo que, nos países onde chegou, atingiu várias gerações de mulheres ao alertar para a opressão e para a desigualdade social a que estiveram até então submetidas. (apud, p.27)

Após esse confronto percebe-se que a animosidade existente entre os sexos possuem aspectos que se entrelaçam às mudanças culturais, sociais e econômicas, e que seguem de forma mais contundente a partir da Revolução Industrial.

Homens e as mulheres assumiram posições de confronto, pois nesse instante, os muros que encobriam a existência feminina ao privado familiar, se fragilizaram lançando-as aos poucos no espaço público, através do trabalho.

Esse ensaio procura desvelar a participação emergente da figura feminina, na economia doméstica evidenciando a partir disso, novas representações de si, e

¹ Historiadora e Pedagoga-Mestranda na Linha História da Educação- UFPB/PPGE
fragosoveronica@hotmail.com

² Historiadora-Mestranda na Linha História da Educação- UFPB/PPGE
alefnobrega@gmail.com

efetivamente com aquele que durante séculos a condicionou a um modelo de subserviência: o homem.

Essa nova relação se configura, inovando padrões de comportamento femininos e masculinos, modificando suas inter-relações de forma significativa.

Os sexos e a Revolução Industrial: ponteando o recorte temporal

De forma relacional, iremos expor os dois campos temáticos influentes na contextualização desse ensaio, o feminismo e a economia doméstica feminina, demonstrando suas concomitantes influências nessa problemática.

Essencialmente nas civilizações ocidentais, o capitalismo atingiu de forma direta o cotidiano das famílias, provocando inúmeras mudanças relativas ao comportamento das mulheres.

O recorte temporal no qual nos deteremos diz respeito à fase determinada por BRUM (2005, p.34) como a “terceira fase da Revolução Industrial, que começa a delinear-se a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)” e que simultaneamente abrange o período denominado por PINTO (2003, p.11) como o “primórdio do movimento feminista brasileiro” demonstrando uma fase de bastante significância econômica, social e cultural, com variados pontos efervescentes.

Ainda segundo PINTO (apud) o movimento feminista avançou demarcado por algumas fases. Essas se seguiram caracterizadas pelo próprio posicionamento da mulher em relação ao seu comportamento diante de si e da sociedade.

A primeira fase surge em 1932 e tem uma forte influência das idéias defendidas por Bertha Lutz, que mantinha um discurso sensível de emancipação feminina através do voto. Sem confrontos violentos, ela fomentou ideal de cidadania, que só poderiam ser assegurados através do sufrágio, conquistado finalmente em 1934.

No decorrer, após o término da Segunda Guerra Mundial (1945), inúmeras mulheres já haviam penetrado no universo do trabalho porque precisaram sustentar suas famílias, devido a ausência de seus maridos no período do prélio, ou ainda tiveram que continuar, devido as seqüelas deixadas naqueles que sobreviveram e que não podiam mais participar do seu sustento.

Nesse período o próprio movimento feminista já se configurava de forma mais contundente e expressiva, em seu discurso figurava a necessidade da educação feminina e sua participação na vida pública.

O processo de desenvolvimento industrial acelerou a urbanização e em meio a essas novas configurações, houve também um fator importante: as mulheres não queriam mais a vida de antes, dependente e condicionada. Embora sua presença na mão-de-obra industrial não tenha tido um valor representativo no que diz respeito a importância de sua integração à força de trabalho, ela havia passado da condição de administradora para participante e em muitos casos, conforme já mencionado, acumulou essas duas funções.

Esses insurgentes campos de atuação as modificaram consistentemente.

Reflexões epistemológicas do universo feminino

Durante o processo de modernização do século XIX, a função da mulher foi definida sob padrões da moral burguesa em ascensão, que espelhados nas metrópoles, fez surgir no Brasil urbano de 1890 a 1920 novos grupos sociais.

Essa classe emergente continha hábitos civilizados, reinventando uma sociedade parisiense à sua moda, aqui nos Trópicos. Com isso passaram a focar suas preocupações para as camadas mais pobres, que não se enquadravam.

Objetivando ordem e disciplina, criaram valores e comportamentos para adequar homens e mulheres a essa inovação ética.

Mary Del Priore em seu livro *História do Amor no Brasil* (2007) ressalta que “enquanto o Novo Mundo construía com minúcias o que chamamos de *vida privada* (grifo do autor), nicho por excelência das relações amorosas, nas colônias essa mesma privacidade balbuciava na precariedade do cotidiano.”, portanto era emergente o controle e direcionamento desses grupos marginalizados socialmente, conforme se vê:

[...] a colonização constituiu em uma verdadeira cruzada espiritual que tinha por objetivo regulamentar o cotidiano das pessoas pela educação espiritual, além de exercer severa vigilância doutrinal e de costumes pela confissão. Pelo sermão dominical e pelas devassas da Santa Inquisição. [...] (Idem *Ibidi*, p. 22)

Sobre a mulher foram inculcados padrões de comportamento pessoal e familiar, baseados na mentalidade patriarcal e condicionamentos da Igreja.

Toda essa reorganização trouxe dificuldades econômicas às famílias pobres, fomentando uma multiplicidade de arranjos familiares, abrindo espaço para núcleos familiares diversos, sendo inúmeras as famílias dirigidas, por exemplo, por mulheres sós.

Nas famílias tradicionais vivam sob os ideais do amor romântico, tornou-se a segurança do homem e essencial figura em sua construção social. Foi condicionada a viver sob a redoma da esfera privada e, ao mesmo tempo, era obrigada a criar a partir dela um reflexo harmonioso na esfera pública.

Sua sensibilidade foi direcionada, tanto pelos meios educativos, como pela imprensa, que reforçava a necessidade de combate ao ócio; estado mental tido como perigoso, podendo induzi-la a pensamentos impuros ou rebeldes.

A urgência de um controle sólido para as múltiplas formas econômicas advindas do capitalismo eram eminentes e abalaram para sempre as estruturas patriarcais da sociedade.

A implantação do capitalismo deu origem a uma era de profundas contradições e injustiças marcada pela brutal exploração dos operários e da mão-de-obra infantil, sem oferecer quaisquer direitos [...]

O agravamento das tensões sociais e o surgimento de um sistema sócio-econômico-político alternativo - o socialismo/comunismo forçou o capitalismo a modificar-se e aperfeiçoar-se [...] (BRUM, 2005, p.31)

O espaço feminino se ampliou e ganhou novos e diferentes olhares, gerando uma definitiva transformação no interior das relações sociais e suas representações, como por exemplo, o casamento.

O laço matrimonial durante grande período da Idade Moderna havia sido o objetivo existencial da mulher, toda a sua educação era voltada para desenvolver bem as “prendas” domésticas, cuidar dos filhos, da casa e do marido.

Priore (2007) ainda ressalta que “[...] o amor como base do casamento talvez seja a mais importante mudança nas mentalidades ocorrida no limiar da Idade Moderna ou, possivelmente, nos últimos mil anos da História Ocidental”.

Durante o surgimento da burguesia a função da mulher no casamento mudou.

Com uma nova essência ela passando a ter responsabilidade também na manutenção da imagem do marido. Responsabilidades eram medidos a todo instante, estando diretamente ligados a representação que o esposo exercia na esfera pública

Seu comportamento em relação aos filhos, a casa e sua atenção ao marido sofriam constante vigilância social.

Mulher e trabalho- os caminhos dessa construção

A partir da modernidade a ciência é vista como principal paradigma desse período e a infalível forma de se encarar e resolver todo e qualquer problema encontra uma aplicação também para a mulher, ou seja, é definido “cientificamente” um lugar para a mulher na sociedade moderna. Segundo essa nova tese, a mulher, biologicamente seria mais frágil e instável que o homem, devendo por isso encarregar-se diretamente da educação dos filhos, do cuidado da casa e de manter-se longe da ociosidade, para que não tivesse a possibilidade de enlouquecer, através do raciocínio.

Dessa maneira, a ciência, além de redefinir o papel da mulher, já ensaiado pelos românticos, ainda apresenta solução para dois problemas. O primeiro era a negação da ociosidade, já que no mundo moderno o trabalho passa a ser visto como o motor da sociedade e algo louvável e dignificante. E, por outro lado, encontrava-se um lugar para a mulher desempenhar uma atividade laboral, no caso, o lar.

Estava resolvido o problema para a mulher burguesa. Todavia, para a maioria das mulheres essa atividade não remunerada servia apenas para colocá-la em situação de desvantagem frente ao homem, que, ao não conseguir desempenhar o papel imposto para ele pela sociedade, no caso, o papel de provedor do lar e da família, acabava frustrando-se e extravasando essa frustração, de forma violenta, na mulher.

Vendo a situação de penúria da família e a incapacidade de seus esposos de suprirem as necessidades básicas do lar, a mulher, sem abandonar ainda o papel traçado para elas nessa época, busca contribuir com a renda familiar. A princípio, a participação da mulher fora da esfera do lar se dá de forma artesanal, utilizando as habilidades e o perfil “histórico” de “mulher prezada”. Assim, ela foi inserindo-se no mercado através da comercialização de doces caseiros, da costura e de pequenos trabalhos ligados ao lar.

Esse processo de inserção aumenta e evolui com a revolução industrial e a necessidade de baratear à mão de obra para garantir os lucros dos capitalistas. A partir dessa premissa, a mulher é inserida de forma rápida e violenta no mercado de trabalho, contudo, sem libertar-se do seu papel anterior.

Foi dessa maneira, brusca e sem maiores compensações, que a mulher foi inserida no mundo capitalista. Apesar de todos os elementos nefastos desse novo tipo de relação, ao adentrar no mercado de trabalho e compartilhar o espaço com os homens, ela foi, paulatinamente, rompendo com as amarras patriarcais e, como agente social ativo desse novo mundo, principia o processo de construção de uma nova relação, redefinindo o seu papel tanto no casamento quanto na família.

Quanto ao homem, esposo e provedor, podemos afirmar, sem sombra de dúvida, que se encontra perdido no meio dessa revolução. A imutabilidade ou resistência a mudanças, inerente ao gênero masculino, não permitiu perceberem o tamanho das mudanças que estavam em curso na sociedade, no mundo do trabalho, nas ruas e dentro de suas próprias casas, o que diretamente significa dizer, dentro de suas próprias vidas.

Após sua entrada no mundo do trabalho, o casamento, ainda persistiu por um bom tempo defendendo papéis de gênero que determinavam o quê e como marido e mulher deveriam se comportar, embora sua essência tivesse sido a partir desse instante afetada significativamente, conforme ressalta ALMEIDA (1998):

No mundo ocidental mais desenvolvido, a constatação da capacidade feminina para o trabalho fora do âmbito doméstico e o conseqüente ganho de autonomia que isso poderia proporcionar, mais as necessidade de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva. (idem *ibidem*, p.27)

Essas ressignificações que vibraram o mundo feminino ainda debelavam duas dimensões contrárias que se ligavam: o das mulheres pobres e das mulheres ricas.

No auxílio a manutenção do bem-estar familiar, as mulheres pobres procuravam desenvolver, dentro dos afazeres domésticos, uma espécie de “continuação” dos mesmos, vendendo doces por encomenda, fazendo bordados e outras prendas.

As mulheres de famílias mais ricas, apesar de toda possibilidade que tinham de acesso a uma boa educação, freqüentemente eram restritas à esfera do privado onde, em geral, casavam e seguiam seu destino natural de mãe, esposa e dona de casa.

Essas duas linhas condicionantes de padrões demonstram que embora estivessem em meio a uma crise de valores, sua reação era determinada pela classe social a qual pertencia.

Desvelando-se

Conforme vimos, o futuro da mulher era aquele ligado a família, a casa e ao bem estar de seu ciclo de convivência. Não haviam grandes expectativas relacionadas à carreira fora desse ideal.

Igualmente, apesar de suas obrigações maternais e familiares, muitas mulheres já haviam entrado em contato com as necessidades geradas pelo capitalismo, se tornando reféns do consumismo.

Essa nova “consumidora” que antes controlava o orçamento da casa para o bem comum da família, agora sentia necessidades suas de dispêndio.

Impulsionadas pelas propagandas de moda e beleza, não queriam abrir mão dessa conquista.

Conviviam, então, muitas vezes em conflito, as visões tradicionais sobre os papéis femininos e a nova realidade que as atraía para uma crescente independência, além das possibilidades de satisfação pessoal e familiar.

Homem x Mulher: Redefinindo papéis

Paralelo a esse recente engendramento está também à nova crise sexual que surge a partir dessas mudanças, onde o homem perde a posição no núcleo familiar, desestabilizando definitivamente a relação homem-mulher.

Modernas representações iniciaram uma tensão entre o mundo dos gêneros que até hoje continua.

Kolontai (2000), afirma que “Não há uma só nação, um só povo em que a questão das relações entre os sexos não adquira cada dia um caráter violento e doloroso”.

Em meio a esse discurso inovador, surgiram gritos de elementos conservadores da sociedade buscando restabelecer os velhos costumes familiares, na tentativa de trazer à tona as normas tradicionais da moral sexual:

[...] O velho moral entrava em choque com novos princípios, que impunham a classe burguesa em formação. A moral sexual da nova burguesia baseava-se em princípios morais mais essenciais do código feudal. Em substituição ao princípio de castas, aparecia uma severa industrialização: os estreitos limites da pequena família burguesa [...] Os últimos vestígios de idéias comunais, próprias dos diversos graus de evolução das castas, foram ultrapassadas pelo triunfante princípio de propriedade privada. A humanidade, perdida durante o processo de transição, ficou em dúvida, durante vários séculos, entre os dois códigos sexuais, de espírito tão diverso, e permaneceu ansiosa por adaptar-se à situação [...] (Idem Ibidi, 2000, p.51 – 52)

Isso demonstra que em todos os momentos históricos nos quais uma representação econômico-social era substituída por outra, uma enorme onda se estendia

em meio à sociedade, trazendo consigo transformações e configurações que atingiam a todos os níveis econômicos.

Perceber que, através das mudanças econômicas, toda a construção cultural de uma sociedade se modifica é algo fascinante e nos ajuda a compreender que também os sentimentos constituem parte essencial durante esse processo de transformação. Sejam eles direcionados pelo poder vigente ou redirecionados por grupos sociais.

O transcurso histórico da Humanidade ao longo dos séculos foi direcionado por países economicamente mais fortes, mas nem por isso fizeram com que alguns grupos sociais excluídos (referindo-me principalmente as mulheres) tivessem seu crescimento e representação evidenciados ao longo da História.

A mulher foi um componente social que seguia as funções para ela determinadas, pelo homem, pela Igreja, pelo Estado, sendo refletida na família, cultura e nos meios de comunicação.

Sua tomada de consciência aconteceu de forma lenta, pois ela precisou se descobrir para então se descobrir dentro da família e da sociedade em todas as suas articulações.

As significativas crises que a transformação do universo feminino representou para o homem foram também ressaltadas pelas morais tradicionais e as mudanças já estabelecidas em nossa coletividade.

O individualismo instalado pela concorrência do capitalismo acirrou ainda mais esse entrave. Sendo a transformação do universo da mulher um ingrediente essencial na construção da sociedade.

A partir da I Revolução Industrial o quadro de posicionamento da mulher começa a se alterar, e passo a passo, ela vai ganhando espaço no novo mundo que surge, inserindo-se no novo sistema.

Isso não significa dizer que o papel da mulher estivesse mudando na perspectiva de torná-la mais importante ou valorizada; ao contrário, a inserção da mulher no mundo do trabalho teve um caráter semelhante à inserção da criança nesse mesmo lugar, ou seja, se deu como forma de garantir o lucro das novas classes dirigentes visando ampliar a exploração do trabalho e, com isso, possibilitar a elevação das taxas de lucro.

Em um período em que a tecnologia era restrita, a única forma de se aumentar às taxas de lucro era através da mais valia absoluta. Assim, mulheres e crianças foram sendo absorvidas no mercado de trabalho devido aos salários

diferenciados, com valores baixos pagos tanto às mulheres como aos seus filhos menores.

Mesmo assim, é preciso destacar que o número de mulheres nas fábricas, apesar de crescente com o desenvolvimento do sistema, continuou ínfimo se comparado com o enorme contingente de camponesas e mesmo cidadinas que estavam à margem do processo produtivo, embora sofressem as conseqüências de todas as modificações advindas com o novo sistema. Conforme Giuliani (2007, p. 641) ressalta em seu artigo:

A projeção em primeiro plano do homem trabalhador acaba deixando na sombra, quase invisíveis, as péssimas condições de trabalho impostas às mulheres. Muitas vezes, as trabalhadoras não são reconhecidas como parte da população economicamente ativa; sua contribuição social reduz ao papel de mantenedoras do equilíbrio doméstico familiar.

A maioria das mulheres, no mundo, continuou à margem da vida política e econômica como agente ativo, embora em nenhum momento esse novo mundo tivesse prescindido do seu trabalho.

O século XX, com as modificações que lhe são inerentes, será de grande importância nas transformações do mundo como um todo e essenciais para a compreensão dos acontecimentos da atualidade.

No entanto, a maior modificação mundo que surge pós 1945, é exatamente a ascensão da mulher como agente político e econômico.

As mudanças no mundo feminino, assim como qualquer processo de transformação na nova sociedade, são bastante complexas e desiguais. A mulher vive sob os auspícios do sistema capitalista, portanto, a diversidade inerente a esse sistema recai e influencia de forma direta nas relações entre gêneros e intra-gêneros.

A sociedade é pautada pelo conflito entre capital e trabalho, e dividida, em linhas gerais, entre quem detém os meios de produção e que tem apenas a força de trabalho.

Frutos dessa divisão surgem duas classes antagônicas, a burguesia e o proletariado; e essa divisão se dá também no mundo feminino, existindo a mulher burguesa e a mulher proletária.

As mudanças no universo da mulher trabalhadora ocorrem em dois patamares, um privado, ou seja, restrito às relações familiares; e outro público, que, obviamente, está apresentado na relação da mulher com a nova sociedade. Claro que essas mudanças se darão de forma simultânea.

Conforme visto, o mundo feminino estava em transformação, no entanto, essas mudanças eram fruto de elementos muito mais exógenos que endógenos. Não se pode falar em movimento feminino ou movimento de mulheres antes do período em exposição.

Na verdade, o que existia eram buscas de alternativas à sobrevivência ou a melhor convivência com a miséria que era imposta às famílias pobres pelo sistema capitalista. Destarte, na fuga do infortúnio, a mulher foi à luta para ajudar no sustento da casa e da família. Essa mulher, representante das camadas inferiores, trazia em si aspectos de insegurança, de despreparo e, sem conseguir sair da dependência familiar tornou-se, também, dependente do capital. Em suma, aumentou o grau de dependência feminina.

O aspecto inovador é que a mulher foi se preparando e se adaptando à nova realidade de forma muito interessante, enquanto o homem tentava reconstruir um mundo que não era mais possível.

O mundo no pós-guerra, assim como acontece após grandes catástrofes políticas, econômicas e/ou sociais, teimou em ser reconstruído a partir das bases ou valores anteriores. Vários fatores podem explicar essa tentativa de retorno ao passado, pois ele é sempre mais seguro enquanto que as mudanças e transformações significam sempre o desconhecido e como tal provocam a incerteza.

Então, naturalmente, as pessoas (leia-se os homens) tentam reconstruir desde os seus cotidianos, passando pelos modelos econômicos, políticos, sociais, culturais ideológicos etc., partindo de algo já testado e de domínio comum. Entretanto, a história mostra que esse retorno reacionário ao passado, após uma crise, é momentâneo, durando pouco tempo. A história não se repete e de toda crise emerge uma nova ordem.

Os anos posteriores à guerra irão reafirmar o exposto, ao mostrar a verdadeira revolução nos costumes, valores e paradigmas sociais, políticos, econômicos e culturais que o mundo passa a vivenciar.

Outro fator que merece destaque é a velocidade dessas alterações; elas ocorrem em curto espaço de tempo se comparadas com as transformações anteriormente conhecidas e vivenciadas. Entre essas mudanças, consideramos uma essencial para esse trabalho, trata-se do novo papel assumido pela mulher na sociedade contemporânea

A mulher viu-se obrigada a adaptar-se para enfrentar as duas formas de dominação a que era submetida. Exigiu-se da mulher a maturidade de enfrentar um mundo desconhecido e hostil e ainda manter o papel determinado a ela historicamente: a subserviência. Com isso, ela teve que se organizar para esse enfrentamento dentro e fora do lar.

Foi nesse enfrentamento que a mulher fez valer os seus direitos como trabalhadora, dando nova tônica às discussões no mundo do trabalho. A velha idéia de que seria necessário se fazer a revolução proletária para depois se pensar nas causas “específicas”, tais como a questão da mulher, começa a ser revistas.

O movimento sindical, os partidos políticos e os movimentos sociais, de forma geral, tiveram que incluir em suas discussões a questão da mulher. Esses movimentos ganharam força e nomenclatura no final dos anos 60 e durante os 70, acompanhando as mudanças existentes tanto na Europa quanto nos EUA nesse período. A possibilidade de se rever os paradigmas conservadores da sociedade, que assolou o mundo nessas décadas, foram apreciados por uma nova temática, o movimento de libertação feminina.

Essa inserção no mundo contemporâneo, como toda mudança, está eivada de aspectos negativos e positivos, por isso de uma necessidade permanente de autocrítica tanto individual como coletiva, da mulher e seu novo papel.

Conclusão

As mudanças na sociedade foram diretamente relacionadas às mudanças na orbe feminina, apesar de sua conscientização não ter sido o princípio dessa emancipação, ela foi cocomitantemente sendo evidenciada.

Conforme o exposto, essas modificações que abordamos são comuns apenas aos países ocidentais e onde imperam determinado grau de desenvolvimento do capitalismo, assim como determinado nível de participação política das mulheres nas chamadas democracias liberais.

Além disso, abordamos as mudanças apenas em uma fração do mundo feminino, a saber, as mulheres que estão inseridas na dinâmica do capitalismo contemporâneo na condição de vendedoras da sua força de trabalho.

O que podemos fazer, nesse momento, é conclamar os historidores, sociólogos, assistentes sociais, romancistas, psicólogos, pedagogos e demais cientistas a

vir conosco nessa maravilhosa aventura ao deslumbrante e inexplorado mundo feminino.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo. UNESP, 1998.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2006.

GIULANI, Paola Cappelin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão popular, 2000.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Trad. Reginaldo Sant'Anna. São Paulo: Ed. Bertand Brasil, 1994.

PINTO, Célia Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.